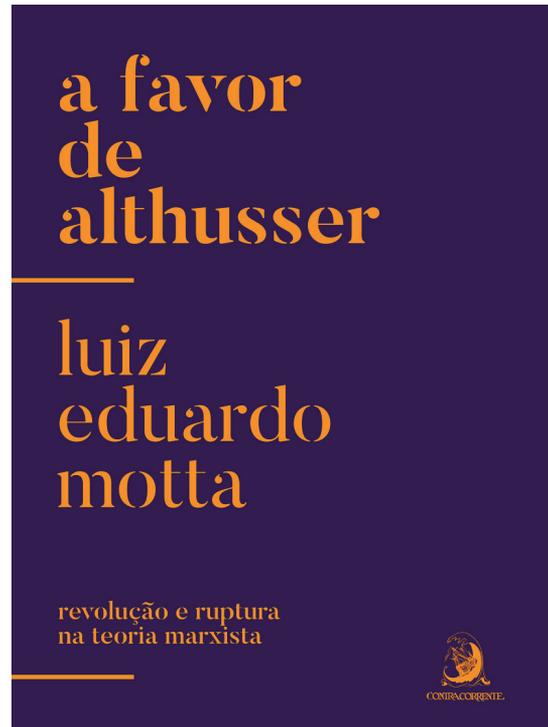


MOTTA, Luiz Eduardo.
A favor de Althusser:
 revolução e ruptura na
 teoria marxista.
 São Paulo,
 Contracorrente, 2021.
 300 p.



As verdadeiras batalhas de Althusser

Resenha (e leitura “sintomal”) de *A favor de Althusser*, de Luiz Eduardo Motta

Althusser’s real battles

Review (and “symptomatic” reading) of
A favor de Althusser [in favor of Althusser],
 by Luiz Eduardo Motta

João Pedro Luques*

► DOI: <https://doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2023.167.012>

ALTHUSSERIANISMO E LUTA TEÓRICA

No eterno campo de batalha da teoria, a emergência do althusserianismo, onde quer que ela tenha ocorrido, sempre acarretou fortes ataques. Rajadas de rótulos (“positivista, stalinista, estruturalista, teoricista, formalista, funcionalista” (MOTTA, 2021, p. 27), descontextualizações¹ e más leituras² são uma constante. Poucos autores tiveram o privilégio de acumular tantos inimigos. Trotskistas (Daniel Bensaïd, Michael Löwy, Ernest Mandel), teóricos ligados a partidos comunistas (Caio Prado Júnior, Carlos Nelson Coutinho, Roger Garaudy), maoistas (Jacques Rancière, Alain Badiou, André Glucksmann), liberais (José Melquior), enfim, um inesgotável conjunto de autores heterogêneos mas unidos pelo ódio comum ao “evento Althusser”.

Falando-se especificamente do contexto brasileiro, duas frentes se destacam no combate ao althusserianismo: intelectuais lukacsianos, próximos, nos anos 1960 e 1970, ao PCB (Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder), e intelectuais ligados ao eixo Cebrap-USP (Fernando Henrique Cardoso, José Arthur Giannotti) (MOTTA, 2021). Autores de ensaios e livros que, mesmo já datados, permanecem. Como zumbis. “Velhos fantasmas críticos” (MOTTA, 2021, p. 35) sempre prontos a ser chamados ao menor sinal de althusserianismo.

Enfim, não se escreve sobre Althusser no vácuo. Publicar algo sobre o velho franco-argelino é adentrar um complexo arranjo de lutas passadas, presentes e futuras que se sobredeterminam. Althusser: o nome de um evento intelectual só inteligível pela ótica da luta.

E se essa “problemática bélica” é fundamental para pensar qualquer intervenção do althusserianismo contemporâneo, ela mostra-se imprescindível para abordar o livro que pretendemos analisar: o indispensável *A favor de Althusser: revolução e ruptura na teoria marxista*³, de Luiz Eduardo Motta. Um livro que, como argumentaremos, leva ao limite essa relação entre althusserianismo e luta teórica.

A resenha que se segue é, portanto, uma leitura de *A favor de Althusser* a partir dessa problemática. Uma leitura das teses de Motta feita pela perspectiva do conflito.

UM LIVRO ESTRUTURADO PELA LUTA

Primeiramente, trata-se de um livro cuja própria escrita é marcada pela batalha. Vide, para ficarmos com apenas alguns exemplos, as seguintes passagens: “*Contrariamente à afirmação equivocada de Antonino Infranca*” (MOTTA, 2021, p. 260, grifos nossos); “o comunismo *nada tem a ver* com a concretização de ‘valores humanistas’ abstratos como apregoa Michael Löwy” (MOTTA, 2021, p. 71, grifos nossos); “essa posição do marxismo althusseriano *vai de encontro* à interpretação da chamada ontonegatividade inspirada no humanismo de Lukács” (MOTTA, 2021, p. 73, grifos nossos). Multiplicam-se passagens como essas. Expressões de combate (*contrariamente, nada tem a ver, vai de encontro*). Ataques

¹ Vide, por exemplo, como Antonino Infranca explica uma aproximação do althusserianismo às bases teóricas do PCB devido a seu reducionismo econômico (mesmo ele sendo o teórico por excelência da sobredeterminação, da autonomia das instâncias ou, até, do aleatório) (MOTTA, 2021, p. 260).

² Vide o paradigmático exemplo de Thompson, que liga diretamente o anti-humanismo althusseriano ao stalinismo, corrente cuja “própria respiração fedida (e fedida) a inumanidade, pois ela achou uma maneira de tratar as pessoas como portadoras de estruturas (*gulags*) e a história como um processo sem sujeito” (THOMPSON, 1995, p. 188, tradução nossa).

³ Trata-se de uma nova edição, de 2021, publicada pela editora Contracorrente. Uma edição ampliada e atualizada do livro publicado em 2014 pela editora Gramma.

Althusser: o nome de um evento intelectual só inteligível pela ótica da luta



rápidos. Passagens que não são refutações detalhadas das posições de Lukács, de Löwy, de Infranca ou de qualquer outro adversário de Althusser. Não parece ser esse, afinal, o objetivo. Não se trata de adentrar no sistema teórico adversário, analisá-lo calmamente, em detalhes e desmontá-lo por dentro, mas de *demarcar posições, traçar linhas, se diferenciar*, para, assim, conquistar um espaço, uma trincheira. Um ato que requer iniciativa, ofensivas ágeis, e não um demorado confronto com um inimigo específico (coisa que, invariavelmente, deixaria um flanco exposto para todos os outros).

E essa tática da polêmica rápida não aparece sozinha. Ela se articula simbioticamente com outra característica que permeia todo o livro: *uma compulsiva vontade de contextualização*. Dois capítulos⁴, algumas seções de capítulos⁵ e inúmeros parágrafos e notas de rodapé são exclusivamente dedicados a expor a conjuntura de formação das ideias althusserianas e sua recepção na formação social brasileira. Um desejo ardente e manifesto de dissecar as conjunturas de recepção do althusserianismo (seja na França, seja no Brasil).

Enfim, *luta e contextualização*, eis as duas armas de Motta para abrir espaço em meio ao forte fogo dos antialthusserianos, para (re)abrir a trincheira do althusserianismo. Mas o que é essa trincheira? O que é o espectro do althusserianismo que Motta se engaja em invocar?

O QUE É O ALTHUSSERIANISMO?

Resposta rápida: é a tese do primado da contradição, da totalidade cindida, da *objetividade cismática* — para usar um termo de Balibar recuperado por Romé (2023). De que não existe síntese, mas antagonismo, guerra. “Distintamente da dialética teleológica da conservação, da síntese, é uma dialética da destruição.” (MOTTA, 2021, p. 68) Porém, com uma precisão: *antagonismo que só existe na conjuntura*⁶. Contradição que só existe em suas manifestações concretas. “Não há a entidade ‘luta de classes’, pois a luta está sempre presente em suas formas concretas.” (MOTTA, 2021, p. 64)

⁴ Os capítulos VI, “A recepção de Althusser no Brasil: o grupo da *Revista Tempo Brasileiro*”, e VIII, “Sobre ‘Quem tem medo de Louis Althusser’, de Carlos Henrique Escobar”.

⁵ As subseções 1.6, “Quem foi Louis Althusser?”, e 1.5, “Althusser e o stalinismo”.

⁶ Eis outro conceito althusseriano fundamental, que não teremos espaço para desenvolver em detalhes, mas que, esquematicamente, podemos definir como a articulação específica (com dominância) das múltiplas contradições que sobredeterminam dado fenômeno. Ou, para valeremo-nos das palavras de Motta (2021, p. 250), descontextualizando-as um pouco: é a “pluralidade contraditória, e [...] sua articulação com o conjunto das determinações”. Apesar de não o abordarmos em detalhes nesta resenha, trata-se de um debate longamente travado por Motta, principalmente nos capítulos II e V.

Ou seja, não existe althusserianismo enquanto um todo puro, estável, mas apenas (e isso é tudo que podemos esperar de uma teoria materialista) como um conjunto de tomadas de posição teóricas e políticas, a favor do comunismo e do materialismo, em conjunturas concretas. O pensamento de Althusser é um registro dessas posições, dessas lutas. Nas palavras de Montag (2013, p. 7, tradução nossa):

É isso que é tão valioso em Althusser: o registro de seu pensamento é, simultaneamente, o registro da maneira pela qual ele ocupou uma conjuntura filosófica específica, não apenas engajando-se com seus contemporâneos, mas intervindo neles, “fazendo-os falar”, [...] descobrindo sua quantidade de força específica.

Mas se o althusserianismo é uma intervenção pelo comunismo numa conjuntura teórica e política, se não existe um sistema althusseriano, no que consiste o trabalho de Motta? Qual a função dessa “pulsão de contextualização” que permeia o livro? Ela não pode ser lida simplesmente com uma manobra filológica, uma disputa sobre a melhor exegese do mestre francês. Nada mais antialthusseriano do que isso. Para nós, *A favor de Althusser* não se concentra em revelar a “interpretação correta” do texto althusseriano, mas em *retomar as batalhas que moviam o filósofo comunista*, em libertar as verdadeiras contradições que dinamizaram seu pensamento, em destruir os “diques de contenção” (MOTTA, 2021, p. 35) erguidos para recalá-las.

Vejamos, portanto, algumas dessas batalhas de Althusser, conforme Motta nos mostra no que consideramos ser o núcleo teórico de seu livro, ou seja, os capítulos I (especificamente sobre os temas do humanismo/anti-humanismo e do stalinismo), III (sobre a questão da ideologia) e IV (sobre o Estado e transição socialista).

ANTI-HUMANISMO E STALINISMO (CAPÍTULO I)

Contra Lukács, Sartre, Garaudy, entre outros, Althusser é anti-humanista. Isso é, seu pensamento se opõe a qualquer tentativa de teorizar o real tendo como eixo central conceitos como “homem, alienação, trabalho, essência, liberdade, sujeito” (MOTTA, 2021, p. 53). Trata-se, portanto, de uma resoluta tomada de posição teórica *pela* luta de classes. Afinal, o que é a infiltração humanista no marxismo senão a tentativa de deslocar a luta de classes, o antagonismo objetivo, enquanto elemento fundamental do marxismo, e pôr no lugar a oposição humano/alienação? Sai o antagonismo de classe, a ditadura do proletariado, a questão do poder político, e entra o “homem” lutando contra sua “alienação”. Nas palavras de Motta: “Althusser ressalta que o termo ‘humanismo’ na interpretação pequeno-burguesa do marxismo travou um combate mortal com outro termo o qual é absolutamente vital para os revolucionários: a luta de classes.” (MOTTA, 2021, p. 63)

E, se se trata de um embate teórico (*anti-humanismo teórico*, como Althusser cansava de dizer), ele é, ao mesmo tempo, uma intervenção política numa delicada conjuntura: o debate sobre a União Soviética e o stalinismo. Como Motta nos conta, na visão de Althusser, o humanismo marxista é uma peça fundamental para a virada à direita operada pela liderança soviética a partir do XX Congresso, de 1956, evento no qual Nikita Krushev impõe “a redenção de um projeto revolucionário para uma defesa do reformismo político” (MOTTA, 2021, p. 63) e o abandono “do conceito de ditadura do proletariado e a sua substituição por ‘Estado de todo o povo’” (MOTTA, 2021, p. 63). E como, exatamente, funciona essa peça?

Atuando como um elo teórico-político que, simultaneamente, (1) introduz uma teoria tampão que ocupa o lugar de uma reflexão marxista sobre o período Stalin e, assim, (2) ampara filosoficamente a virada à direita na política. Superemos o período Stálin (isto é, o período no qual se realizou o “culto à personalidade”, desrespeitou-se a “legalidade socialista” e a “dignidade humana”)! É hora de uma política pacífica, sem antagonismo com o imperialismo! Viva o Estado de todo o povo! Eis o discurso revisionista soviético.

Ou seja, no exato momento no qual se faz imperativo explicar um dos fenômenos mais importantes para o socialismo do século XX (o stalinismo) e pautar uma política revolucionária, se abandona a teoria de Marx em prol do humanismo (homem, direitos etc.) e vem à tona o reformismo. Nas palavras de Althusser:

Em vez de relacionar as “violações da legalidade socialista” (1) com o Estado, mais o Partido, e (2) com as relações de classe e as lutas de classe, o XX Congresso as relaciona com... “o culto à personalidade”, isto é, com um conceito que [...] fora introduzido na teoria marxista e [...] é perfeitamente “encontrável” em outro lugar: na filosofia e na ideologia psicossociológica burguesas. Quando se situam assim, oficialmente, os filósofos comunistas e outros “intelectuais” comunistas sob a órbita da ideologia e da filosofia burguesas [...] não se pode estranhar que esses mesmos filósofos e intelectuais comunistas se engajem na via dessa filosofia burguesa, pois ela estava escancarada diante deles! Não se pode estranhar que eles fabriquem sua pequena filosofia marxista burguesa dos Direitos do Homem exaltando o Homem e seus Direitos, sendo que o primeiro deles é a liberdade, e seu inverso é a alienação. Naturalmente, nos apoiamos aqui sobre os trabalhos de juventude de Marx [...] e avançamos em direção ao humanismo (ALTHUSSER, 1973, p. 66-67, tradução nossa).

Enfim, longe de ser um “stalinista” (Thompson) ou potencial “neostalinista” (Coutinho), Althusser procurava era exatamente limpar o campo teórico das explicações humanistas e libertar o marxismo para pensar esse fenômeno a partir de sua problemática. Se o humanismo é um obstáculo epistemológico para se pensar a luta de classes, o humanismo kruschevista é um obstáculo epistemológico para se pensar a luta de classes na União Soviética⁷.

IDEOLOGIA E ANTIESPONTANEÍSMO (CAPÍTULO III)

Ainda com relação ao debate anterior, o althusserianismo é, também, uma denúncia viva de como a problemática humanista atua como sustentáculo teórico do espontaneísmo. Afinal, mesmo que não o admita, o humanismo marxista deixa, em silêncio, um termo *fora* da contradição de classes: *a constituição subjetiva do “homem”*. O humano, dotado de “consciência” e “autonomia”, é um *a priori*. Mesmo que (por culpa da alienação, claro) ele não se mostre assim.

⁷ Obstáculo esse que, uma vez explodido, abre uma série de formulações bastante promissoras para se pensar o fenômeno do stalinismo. Vide, por exemplo, a seguinte passagem de seu *Resposta a John Lewis* (originalmente de 1972): “O desvio stalinista pode ser considerado [...] como *uma forma de revanche póstuma da II Internacional*: como um ressurgimento de sua tendência principal [isto é, o economicismo].” (ALTHUSSER, 1973, p. 93, tradução nossa) Para não falar em outras importantes obras de seus discípulos, como, por exemplo, *A luta de classes na União Soviética* (1974), de Charles Bettelheim, ou *Lyssenko: histoire réelle d’une “science prolétarienne”* (1976), de Dominique Lecourt.

Dessa forma, o conceito de ideologia dos humanistas é, se coerente, *sempre* negativo. Ideologia é o que impede que percebamos a alienação, é aquilo que oculta, é “menos uma força ativa na constituição da subjetividade humana que uma máscara ou um véu que impede um sujeito já constituído de compreender o que está diante dele” (EAGLETON apud MOTTA, p. 129). E a luta ideológica passa a ser a luta por dar a esse homem consciência de “sua situação”, de “seus interesses”, dar a ele uma “consciência de classe”.

A teoria humanista é o eterno “Ah, se não fosse o véu da ideologia!”⁸

Althusser é o antípoda dessa concepção. “Não há, por parte de Althusser, uma definição negativa da ideologia como uma falsidade do real, uma ‘falsa consciência’. A ideologia faz organicamente parte de toda uma totalidade social.” (MOTTA, 2021, p. 142) Ou seja, *a ideologia é positiva, ela constitui os sujeitos*:

O indivíduo é sempre um *sujeito* desde o seu nascimento, quando lhe é conferido um significado (um nome), e não é dotado de uma consciência autônoma já que é sempre sujeito a algo (um Sujeito) que o interpela cotidianamente, sem que perceba a existência desse mecanismo de sujeição que, em última instância, reproduz as relações de poder (MOTTA, 2021, p. 146).

E se a ideologia constitui o sujeito, se os sujeitos tomam forma na e pela ideologia, desaparece aquele “espaço neutro” postulado pelo humanismo (i.e., o homem). Reina, novamente, a contradição. Numa aliança que se abre com a psicanálise, o marxismo passa a ser, também, *a teoria da luta pela constituição das subjetividades*. Falar em ideologia, para Althusser, é resgatar o primado da contradição na formação dos sujeitos, é seguir a radicalidade de Lênin: “O problema se coloca *somente da seguinte maneira*: ou ideologia burguesa ou ideologia socialista. [...] Fala-se de espontaneidade. Mas o desenvolvimento *espontâneo* do movimento operário vai justamente na direção da sua subordinação à ideologia burguesa.” (LÊNIN, 2020, p. 56) Diferente das teorias negativas, a teoria da ideologia althusseriana é um desenvolvimento do antiespontaneísmo leninista.

ESTADO E TRANSIÇÃO (CAPÍTULO IV)

Como vimos, o althusserianismo, como exposto por Motta, caracteriza-se por fazer emergir contradições produtivas e implodir contradições paralisantes, estéreis.

No campo da teoria do Estado e da transição socialista, o método não é diferente: Althusser se volta, como de costume, contra uma série de posições: *contra* os eurocomunistas de direita (Enrico Berlinguer, Santiago Carillo), *contra* os eurocomunistas de

8 Aos que querem saber mais sobre os limites dessa leitura negativa de ideologia, olhem para a Alemanha dos anos 1920. Nela, no contexto de “letargia” do proletariado, o jovem Lukács defendia, nas páginas da revista teórica vienense chamada *Kommunismus*, uma prática política coerente com essa teoria (à qual ele aderiu, na época). Se o proletariado estava passivo, sua proposta era realizar “ações parciais” para despertar a consciência de classe. “A questão é como, através de iniciativas independentes por parte do Partido Comunista Alemão Unificado, a crise ideológica, a letargia menchevique do proletariado [...] pode ser superada.” (LUKÁCS, 2014, p. 178, tradução nossa) Ou, dito de maneira mais poética, seria possível “cortar o nó da crise ideológica do proletariado com a espada da ação” (LUKÁCS, 2014, p. 179-180, tradução nossa). Tais concepções resultaram numa prática política esquerdista no mais importante partido comunista alemão, o VKPD, resultando numa amarga repressão, numa desmoralização imensa do partido, que, como relata Anderson (2017), perdeu 175 mil membros ao fim do período.

esquerda (Pietro Ingrao, Nicos Poulantzas em sua última fase), *contra* o Partido Comunista Francês (PCF), que, em seu XXII Congresso, exclui de seu programa o conceito de ditadura do proletariado.

E o que todas essas posições têm em comum? A tese de que o Estado burguês é um espaço produtivo para a luta de classes revolucionária, de que ele é um “campo estratégico” de luta, tese à qual Althusser é radicalmente contrário (MOTTA, 2021). Para ele, seguindo Lênin, o Estado é uma máquina de dominação de classe, nenhuma disputa em seu seio será capaz de trazer a revolução.

No calor da polêmica com o PCF e o eurocomunismo, Althusser chega até a defender a tese de que o Estado é separado da luta de classes: “Defender [a noção de] que o Estado é ‘por definição atravessado pela luta de classes’ é tomar os seus desejos pela realidade.” (ALTHUSSER apud MOTTA, 2021, p. 229) Concordando-se ou não com essa tese⁹, a preocupação althusseriana se mantém: travar as batalhas centrais, explodir contradições improdutivas e fazer emergir contradições produtivas. Por isso sua crítica ao eurocomunismo. Pois, para ele, tomar o terreno estatal como lócus para travar a luta de classes é prender a luta de classes num curto-circuito, é bloquear a revolução. Para ele, “o socialismo é constituído a partir de uma ruptura radical com a política e o Estado moderno”¹⁰ (MOTTA, 2021, p. 218). Socialismo não é travar a luta no Estado, é destruí-lo:

É mais do que uma operação formal e potencialmente reformista, é revolucionar na sua estrutura, na sua prática e ideologia os aparelhos de Estado existentes, suprimir alguns, criar outros, [...] é revolucionar os seus métodos de trabalho e a ideologia burguesa que domina as suas práticas, é assegurar-lhe novas relações com as massas a partir das iniciativas das massas (ALTHUSSER apud MOTTA, 2021, p. 217).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: NOSSA LEITURA E O QUE FICOU DE FORA

Como já assinalamos, levando em conta que *A favor de Althusser* é um livro bélico¹¹, procuramos, nesta breve resenha, realizar sua leitura a partir da problemática da luta. Assim, buscamos elucidar como tal problemática explica de maneira bastante satisfatória o estilo de Motta (polêmicas rápidas mais contextualização), bem como tentamos mostrar como, ao operar essa escrita conflitiva, o autor abre espaço para revelar as batalhas que moviam o pensamento althusseriano. Na sequência, buscamos, brevemente, expor algumas delas, como sua oposição: 1) ao humanismo; 2) ao espontaneísmo; 3) ao reformismo.

Entretanto, em decorrência da nossa dedicação a tal problemática de leitura (bem como pelo fato de que nosso texto começou a ficar demasiado longo para uma resenha), acabamos deixando de fora alguns importantes elementos do livro, que gostaríamos de assinalar rapidamente: o interessante capítulo II (“Pluralidade contraditória e sobredeterminação”),

⁹ Particularmente, consideramos essa uma formulação infeliz, talvez uma melhor formulação seja a de que o Estado *fagocita* a luta de classes, a transforma numa luta funcional à sua reprodução.

¹⁰ Nesse ponto, Althusser é um atento observador e discípulo da experiência da Grande Revolução Cultural Proletária e “incorporou abertamente o maoísmo político”, nas palavras de Motta (2021, p. 45).

¹¹ Um livro que (junto com outros, como *Ler Althusser*, organizado por Jair Pinheiro, *Presença de Althusser*, organizado por Márcio Naves, ou *Althusser e o materialismo aleatório*, de Alysso Mascaro e Vittorio Morfino, entre outros) cumpriu e cumpre o importante papel de abrir uma trincheira para o althusserianismo no debate teórico brasileiro.

A favor de Althusser não se concentra em revelar a “interpretação correta” do texto althusseriano, mas em retomar as batalhas que moviam o filósofo comunista, em libertar as verdadeiras contradições que dinamizaram seu pensamento

no qual Motta faz uma reflexão *inovadora* sobre a influência de Mao Zedong no pensamento althusseriano e, especialmente, no seu conceito de sobredeterminação (geralmente tratado como fruto de uma influência primordialmente freudiana); o capítulo IV (“Pour Marx e Lire Le Capital: *convergências e (sobretudo) divergências entre as duas obras fundadoras da escola althusseriana*”), um intrigante escrito sobre as divergências entre os dois livros “fundadores” do “althusserianismo clássico”, com o qual buscaremos dialogar num futuro artigo; finalmente, o capítulo VII, um didático escrito sobre o marxismo enquanto ciência.

Em suma, trata-se de uma obra que fornece (no estilo e nos temas) uma viva e bastante completa¹² exposição do que foi o evento Althusser. Um livro preocupado em destruir espantalhos para fazer emergir o verdadeiro debate, a luta teórica (o único meio de desenvolver o marxismo). Enfim, um livro que faz ecoar um velho dito maoista: “Que cem flores brotem! Que cem escolas rivalizem!”

* Bacharel em Ciências Sociais e mestre e doutorando em Sociologia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Pesquisador do Grupo de Estudos de Política da América Latina (Gepal) da UEL. *E-mail*: joaopedrosbsluques@gmail.com / *Orcid*: <https://orcid.org/0000-0001-6597-6985>Artigos

► Texto recebido em 6 junho de 2023; aprovado em 13 junho de 2023

¹² Tendo como única omissão de maior porte (fruto do fato de que os temas de pesquisa do autor são, majoritariamente, política, Estado e materialismo histórico) a ausência do debate sobre as posições de Althusser sobre arte.

ALTHUSSER, Louis. **Réponse à John Lewis**. Paris: François Maspero, 1973.

ANDERSON, Perry. **The antinomies of Antonio Gramsci**. London; New York: Verso, 2017.

LÊNIN, Vladímir Ilitch. **O que fazer?**. São Paulo: Boitempo, 2020.

LUKÁCS, Georg. **Tactics and ethics 1919-1929**. London; New York: Verso, 2014.

MONTAG, Warren. **Althusser and his contemporaries: philosophy's perpetual war**. Durham; London: Duke University Press, 2013.

MOTTA, Luiz Eduardo. **A favor de Althusser: revolução e ruptura na teoria marxista**. São Paulo: Contracorrente, 2021.

ROMÉ, Natalia. En Althusser hay una comprensión del valor político profundo de la aspiración a lo verdadero: conversación con Natalia Romé acerca de su último libro "For theory: Althusser and the politics of time". **Revista Demarcaciones**, n. 10, 2023.

THOMPSON, Edward Palmer. **The poverty of theory: or an orrery of errors**. London: Merlin Press, 1995.